

Sensibilidade e aprendizagem nas narrativas de formação em partilha

Sensitivity and learning in sharing teacher training narratives

Joelson de Sousa Morais ¹

Maria Divina Ferreira Lima ²

Resumo: O texto configura-se como uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, que participaram 35 professores de diferentes regiões do Brasil. Os dispositivos metodológicos utilizados foram: diário de pesquisa, narrativas escritas e gravações em áudio e vídeo. O objetivo foi refletir acerca das experiências de sensibilidade e aprendizagem tecidas em narrativas escritas (auto)biográficas de formação de professores pesquisadores narradores. As lições deixadas pela *pesquisaformação* refletem na potencialidade que as escritas narrativas (auto)biográficas puderam promover na tessitura de saberes e conhecimentos no desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e emoções descobertas por si e em diálogo com os outros que foram nos constituindo ao longo dos encontros formativos.

Palavras-chave: Aprendizagem pela experiência. Escritas narrativas (auto)biográficas. *Pesquisaformação*. Reflexividade.

Abstract: The text is configured as a(n) (auto)biographical narrative research project in education, in which 35 teachers from different regions of Brazil participated. The methodological devices used were: research diary, written narratives, and audio and video recordings. The objective was to reflect on the experiences of sensitivity and learning reported in (auto)biographical written narratives on teacher-narrator-researcher training. The lessons learned from this training-research reflect the potential that (auto)biographical narrative writings promoted in the weaving of knowledge and skills in the development of one's sensitivity, creativity and emotions discovered *per se* and in dialogue with the others during the formative meetings.

Keywords: Learning from experience. (Auto)biographical narrative writings. Training-research. Reflexivity.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na linha de pesquisa Formação de Professores, Currículo, Trabalho Docente e Avaliação (Bolsista CAPES). É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP), do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia (UNICAMP/UERJ), do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares: Educação, Saúde e Sociedade da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/CPNQ) e do Núcleo de Pesquisa em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas (NUPEFORDEPE/UFPI). É Professor Substituto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó-MA.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). É professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFPI). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas (NUPEFORDEPE).

Reflexões Iniciais

Em tempos cada vez mais incertos e complexos que estamos a enfrentar, caracterizado pelo isolamento social em decorrência da pandemia da Covid-19 que nos assolou no ano de 2020, passamos a pensar em outras possibilidades de fazer com que pudéssemos estabelecer diálogos formativos, de aprendizagem e estudo, para zelar pela saúde, qualidade socioemocional nossa e dos com quem nos relacionamos e como uma dimensão valorativa da vida e existência.

Afinal de contas, como bem salientou Morin (2020, p.27) em *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, “[...] o isolamento nos tornou subitamente reclusos dentro de nossa própria casa e às vezes dentro de nós mesmos”. Passamos a inventar outras tantas possibilidades para combater a solidão e a descontinuidade da vida coletiva de forma presencial.

Nesse sentido, a emergência de uma pedagogia narrativa se tornou uma via possível de construção de saberes e conhecimentos tecidos coletivamente com professores pesquisadores narradores, de forma a dar continuidade aos processos de sociabilidade, como atributo da espécie humana, e como perspectiva de dar sentido à nossa existência, pautando-se pelas prioridades e experiências que cada sujeito estivesse primando e escolhendo para tal.

A ideia deste artigo partiu de nossa experiência de escrita narrativa reflexiva produzida ao longo de encontros virtuais e compartilhados via e-mail com e por professores pesquisadores narradores de diferentes regiões do país, através de um ciclo de estudos que aconteceu entre os meses de abril a outubro do ano de 2020. Trata-se do que foi nominado por *Ciclo de Estudos: pesquisa formação¹ narrativa (auto)biográfica em tempos de coronavírus (CICLOPE)²*, criado pelo primeiro autor deste texto e com a participação da segunda autora.

Buscamos olhar para as outras facetas que muitas vezes não são visibilizadas em coletivos de professores e professoras pelas escritas de formação de natureza (auto)biográfica, qual seja: a da dimensão do sensível, afeto e emoção que pode se revelar pelo escrito e pelos múltiplos atravessamentos que nos situam como leitor, autor, narrador ou ouvinte e, numa atividade de narrar, muitos desses papéis podem se misturar ou mesmo ter diferentes modos de ser sentidos, percebidos e manifestados pelo sujeito.

Trazer as dimensões do sensível na pesquisa científica, na educação e formação, eis um dos aspectos cruciais sob os quais nos permite compreender e entender as forças potenciais que movem o ser humano em suas razões de ser, estar sendo e mobilizando sua capacidade de reflexividade e tomada de consciência dos percursos que trilha em seus itinerários formativos.

Quanto mais percebemos o não prescrito, mas sentido e evocado no plano da memória do sujeito enquanto efeitos disparadores de experiências formadoras e implicadoras em si, mediante um revelar de sensibilidades pelas escritas narrativas de formação e aprendizagem, maiores são as chances de entendermos o sujeito em sua inteireza, para então, passarmos a compreender as esferas macros em uma escala mais ampla no caso do político, econômico e social. Ou, como nos revela Goodson (2019, p.127) “[...] para forjar uma conexão entre o multinacional e o pessoal, precisamos entender o tema da vida de cada pessoa”. O que isso se faz pelo (auto)biográfico em histórias narrativas da experiência, aprendizagem e formação do sujeito. É por meio das narrativas (auto)biográficas, portanto, que o sujeito consegue tramar e tecer a sua subjetividade a partir dos vários níveis e implicações da composição de si, nos estados de ser, pensar e fazer a si próprio e tem a possibilidade de transformar sua realidade.

O texto em pauta configura-se em uma abordagem qualitativa do tipo interpretativo-reflexiva de uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação, primando pela subjetividade na tessitura do sensível e da aprendizagem em escritas narrativas (auto)biográficas de formação produzidas à luz dos itinerários trilhados pelos sujeitos participantes do estudo.

O nosso diário de pesquisa, as narrativas escritas dos participantes do CICLOPE e as gravações em áudio e vídeo, foram os três dispositivos metodológicos com os quais pudemos refletir e produzir os saberes e conhecimentos que aqui são materializados.

Mediante o exposto, nos sentimos flertados com o seguinte questionamento: como é possível professores pesquisadores narradores desenvolverem aprendizagens e formação pelas sensibilidades tecidas em escritas narrativas (auto)biográficas compartilhadas coletivamente?

Ora, pretendemos por meio desse texto, enquanto objetivos: refletir acerca das experiências de sensibilidade e aprendizagem tecidas em narrativas escritas

(auto)biográficas de formação com professores pesquisadores narradores, bem como compreender as potencialidades em que o sensível se reflete na aprendizagem, construção do conhecimento e formação dos sujeitos mediatizados por narrativas de *pesquisaformação*.

Neste texto, não usamos as narrativas (auto)biográficas dos sujeitos participantes do grupo, e sim, narramos a experiência em relação ao que conseguimos perceber e efetuar de aprendizagens e conhecimentos das leituras e reflexões tecidas do material que foi construído ao longo dos encontros e das múltiplas relações estabelecidas com cada um. Desse modo, estamos teorizando a experiência em movimento, a partir das narrativas escritas de professores pesquisadores narradores do CICLOPE, que foram se compondo também pela oralidade em narrações de si com o outro, além de terem sido lidas em grupo durante os encontros virtuais que aconteceram em um período de seis meses no ano de 2020.

Nesses movimentos, de encontros virtuais que usamos o dispositivo do computador com a internet e algumas pessoas se apropriaram do celular para participarem das atividades nas tardes de quinta-feira nos encontros, praticamos uma reflexividade (auto)biográfica³, disparando outros tantos estados de ser e estar dos sujeitos, implicados, entre outras coisas em: emoções e sentimentos, aprendizagem e formação, transformação e emancipação das consciências.

Somos levados a pensar que, na arte de narrar, existem muitos ditos e não ditos os quais ultrapassam as lógicas instituídas hegemonicamente de revelação das experiências dos sujeitos no âmbito existencial, profissional e formativo. Assim, emergem uma pluralidade de sentimentos, afetos e emoções que potencializa os processos de humanização do sujeito, e sua significativa transformação e emancipação, que no subjetivo é capaz de ser revelado, já que parte dos próprios sentimentos, reflexões e modos de ser ou estar sendo que o mobilizam a narrar.

Perspectiva teoricometodológica da pesquisa em movimento

O estudo em pauta se inscreve no âmbito de uma abordagem qualitativa do tipo interpretativa reflexiva, de natureza hermenêutica-fenomenológica tecido em uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação. Assim,

tecemos “[...] uma *pesquisiformação* outra que não abre mão da rigorosidade metódica, da consistência, mas que segue (re)inventando modos de *vivernarrarpesquisarformar*” (BRAGANÇA, 2018, p.76).

A proposta da *pesquisiformação* parte do princípio de que o pesquisador vai pesquisando, se formando e (auto)formando em partilha com os sujeitos participantes do estudo, sob o qual tece reflexões, aprendizagens e construção do conhecimento científico, tomando consciência dos percursos trilhados e das escolhas realizadas, se transformando nos movimentos entre pesquisa e formação, simultaneamente (JOSSO, 2010).

As narrativas dos participantes da pesquisa foram produzidas durante o processo dos encontros do CICLOPE que ocorreram de abril a outubro do ano de 2020, de forma virtual, em que cada sujeito nos enviava por e-mail sua narrativa anteriormente ao encontro para que pudéssemos ler, refletir e retornar a cada um com outra narrativa em diálogo com a pessoa que produziu a narrativa.

Ao enviarmos sempre às sextas-feiras o texto que iria subsidiar o encontro da quinta-feira da semana que viria a acontecer, lançávamos o convite para quem quisesse produzir uma narrativa escrita de suas experiências de vida, pesquisa, aprendizagem e formação, enfim, algo que tivesse relacionado com as implicações que flertavam ou tocavam cada um em suas respectivas especificidades e itinerâncias. Geralmente obtínhamos *feedback* de uma pessoa, com sua narrativa que nos enviava para o e-mail, líamos e produzíamos outra narrativa retornando para ela, em que fazíamos o convite para que pudéssemos ler no dia do encontro virtual que acontecia sempre nas quintas-feiras à tarde no horário das 15:00h às 17:00h.

Nossa inspiração *teoricometodológica* e epistemológica parte do campo da corrente das *histórias de vida em formação*, que passou a desenvolver seus trabalhos na formação de adultos nos inícios da década de 1980 nos países francófonos com os seus idealizadores Pierre Dominicé, Mattias Finger e Marie-Christine Josso, na Universidade de Genebra (Suíça) e com Gaston Pineau, na Universidade de Montreal (Canadá). E que neste trabalho, nos pautamos, fundamentalmente na perspectiva de Josso pelos princípios da *pesquisiformação* narrativa (auto)biográfica em educação (JOSSO, 2010). Ainda nos fundamentamos em outros proeminentes autores no âmbito das narrativas (auto)biográficas, entre os

quais Ricoeur, Goodson, Morin, Bragança, Passeggi, Bakhtin e outros que nos acompanham na pesquisa e formação.

Nesse texto, não trazemos as narrativas dos sujeitos participantes do estudo, mas relatamos a experiência, com base em nossas reflexões produzidas a partir da leitura das narrativas que nos foram enviadas por cada um para nosso e-mail, em diferentes *espaçostempos* que sucederam o período de realização do ciclo de estudos, que durou seis meses entre o primeiro e segundo semestres do ano de 2020.

Ao todo, o grupo era composto por 35 (trinta e cinco) participantes de várias regiões e instituições do Brasil, entre os quais dos estados do/de: Maranhão, Piauí, Rondônia, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Mas no dia do encontro, geralmente tinha a presença entre 25 a 30 pessoas aproximadamente, de acordo com a disponibilidade com que cada pessoa tivesse para participar dos encontros nas quintas-feiras a tarde.

As ideias aqui discutidas e produzidas foram, portanto, fruto de um conjunto de fatores, que se entrelaçaram entre: 1) a leitura das narrativas (auto)biográficas escritas pelos sujeitos participantes do CICLOPE, que foram enviadas a nós por e-mail; 2) as memórias que evocamos e nos lembramos amparadas nos encontros que aconteceram nas quintas-feiras; e 3) as anotações que fomos fazendo em nosso diário/caderno do que nós consideramos pertinente e passamos a registrar por escrito.

O convite feito a cada participante se deu primeiramente no âmbito das redes sociais nos grupos de *whatsapp* do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia, e para pessoas conhecidas e próximas do primeiro autor deste texto, que idealizou a proposta do CICLOPE.

Em um segundo momento, conforme foram acontecendo os encontros, algumas pessoas que já estavam participando, foram estendendo o convite a outros professores e professoras pesquisadores, ou pessoas que, de algum modo, faziam parte de suas pesquisas de mestrado ou doutorado em Educação. E como o CICLOPE se consolidava como um grupo de abertura e dialógico permanente, foi ampliando-se em uma rede de pesquisa, formação, aprendizagem e construção do conhecimento científico com a pluralidade de contextos, pessoas e realidades que foi somando-se a um conjunto de transformações plausíveis no

âmbito da vida, pesquisa e formação potencial com diferentes abordagens, culturas, línguas e perfis de pessoas, já que era composto de várias regiões do país.

Por uma racionalidade sensível nas narrativas de aprendizagem e formação

Já que não podemos estar próximos e em contato presencial com as pessoas, sentindo, tocando, cheirando e percebendo as múltiplas nuances nos modos de ser, estar e se comportar dos sujeitos, entre outros aspectos, devido ao confinamento provocado pela pandemia, ousamos criar e desenvolver estudos e reflexões em um grupo virtual coletivamente com a participação de professores pesquisadores narradores da Educação Básica e Ensino Superior.

Ao trazer a tematização dessa seção, pensamos em diálogo com Bragança (2012, p.30) no sentido de que buscamos “uma formação ancorada em uma epistemologia mais sensível que acolha as múltiplas dimensões que envolvem a construção de saberes e da própria vida”. Do mesmo modo, corroboramos com os contributos de Benjamin (2012) que nos faz refletir acerca da arte da narração na produção de sensibilidades e subjetividades que valorizem as condições existenciais, formativas e da aprendizagem do sujeito nos vários níveis de produção e (auto)produção de si pelas memórias e histórias narrativas que evoca narrativamente.

As reflexões acerca das sensações, sentimentos e das aprendizagens e formação que ora apresentamos neste texto, foram uma confluência dos vários encontros virtuais que tivemos em que nos debruçamos sobre nossas *vidas enteladas*⁴ via computador ou celular no período da pandemia, percebendo os estados de ser e estar de cada sujeito, bem como fruto do que nos revelaram em suas narrativas orais, mas, principalmente, pelas escritas narrativas de formação que passamos a ler e a compartilhar nos encontros online com todos os participantes do CICLOPE.

Se o tempo que temos é este caracterizado pelo caos e incertezas que pairam no contexto de transições, vemos que, de algum modo, poderíamos tirar proveito e produzir outras possibilidades de diálogos formativos e de aprendizagem, para deixarmos pelo menos em muitos momentos, sob o

esquecimento os conturbados acontecimentos assolados pela crise política, econômica, sanitária, educacional e de desigualdades que enfrentamos sem precedentes no cenário brasileiro.

Por isso, cabe reforçar a riqueza e potencial dos encontros formativos com a produção de escritas narrativas (auto)biográficas nesses tempos de isolamento social que nos transformaram e contribuíram em muito em nossa pesquisa, aprendizagem e formação. Corroboramos, portanto, com a ideia de que:

As narrativas biográficas se converteram, em muitos casos, em salva-vidas que talvez nos permitem resistir às tempestades e turbulências que estão se manifestando e aquelas que nos esperam a curto prazo, preservando, no mínimo, a autoestima para imaginar soluções temporárias e um mínimo de solidariedade para encontrar formas viáveis de cooperação, na esperança de que possam se tornar focos de renovação social e política (JOSSO, 2020, p.42-43).

Ocorridos sempre às tardes das quintas-feiras semanais das 15:00h às 17:00h, os encontros do CICLOPE foram constituídos com as seguintes atividades: leitura de narrativas escritas em diálogo com dois participantes do ciclo no início dos encontros, as quais nos foram enviados por e-mails previamente ao dia do encontro; debate e discussões do texto escolhido para ser refletido no dia, de forma deliberada com base no que algum participante quisesse falar; problematização de questões correlacionadas ao texto que pudessem disparar memórias e histórias narrativas de si, inclusive, com as experiências formativas, de aprendizagem e de *pesquisaformação* em que os diferentes sujeitos estivessem imersos; e, ao término com o anúncio do texto, autor e palestrante que iriam subsidiar a realização do encontro subsequente.

O diferencial desse ciclo de estudos está na capacidade de produzir reflexões tanto individual, como, sobretudo, coletivamente e de forma virtual, em que professores pesquisadores narradores de diferentes lugares e instituições educativas espalhadas por várias partes do Brasil foram dando sentido à sua existência, e pensando a si em diálogo com o outro em permanente interações praticadas entre ambos.

Recuperar a sensibilidade do sujeito por meio de práticas emanadas em narrativas (auto)biográficas nos encontros coletivos permite fazer com que emerja uma pluralidade de sentimentos e a tessitura de uma outra forma de

pensar, fazer e ser que tem sido esquecida pela supremacia da ciência positivista e da hegemonia do capital.

As herança clássica que herdamos da conseqüente cultura ocidentalizada e colonial que vivemos de um modelo de homem, sociedade e jeito de formatar nossos pensamentos, condutas e atitudes preconizadas por muito tempo na sociedade que busca invisibilizar o sujeito de vida, carne e osso, que pensa, sente e se emociona em suas práticas cotidianas, tem produzido muitas dissimetrias, caos e desordens que dilaceram as possibilidades de promoção da igualdade, diferença e diversidade do humano em suas multidimensionalidades como se apresenta.

Contrários a esse modo de situar o sujeito e a construção do conhecimento no contexto de uma parametrização ou enquadramento qualquer que seja, somos levados a corroborar com as ideias de Santos (2010, p.33) que dá primazia no *pilar da emancipação* como tessitura de uma *racionalidade estético-expressiva*, que refletimos ser nas narrativas (auto)biográficas a emergência de tal dimensão potencial, transformadora e emancipatória.

Trazer para o debate no campo científico a reflexão de que outros modos de aprender, se formar e (auto)formar, bem como construir experiências substanciais de praticar a sensibilidade pelo afeto e a valorização dos sentidos que o sujeito possa manifestar pela escrita narrativa em diálogo com o outro, tem sido um potente dispositivo de transformação e emancipação do sujeito, fundamental nesses tempos de profundos acontecimentos que abalam a vida humana e toda a sua carga complexa de ser, pensar e viver a experiência cotidiana.

Na escrita narrativa (auto)formadora, o sujeito não apenas revela como se forma e aprende, mas evoca memórias e histórias narrativas de si, que o sensibilizam, o fazem ser tocado pelas lembranças e implicações que, de algum modo, mexem muito com ele, provocando fortes emoções, que podem efetuar-se de diferentes formas, como nas:

[...] capacidades afetivas, imaginativas, reflexivas, criativas, conscienciais, físicas, mas também, instrumentais bem como do estoque de informações relativas a teorias, guias, modos de utilização, descrição do mundo e do homem nesse mundo, sem esquecer da procura constante por informações novas que

podem interferir com o todo ou parte do projeto (JOSSO, 2010, p.291).

A sensibilidade na narração não é algo que se tem a intenção de provocar, muito menos segue uma diretriz ou lógica formatada de acessá-la ou construí-la, pelo contrário, manifesta-se de formas inesperadas e não programadas que se dão por sensações, afetos e emoções em vários níveis de profundidade de si em que o sujeito tece.

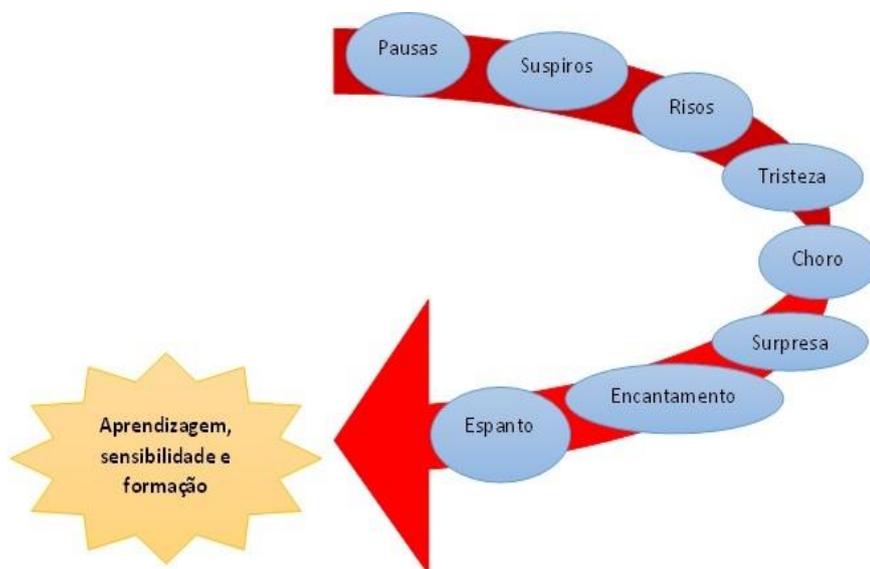
Essas dinâmicas de praticar ou sentir a materialização de uma sensibilidade pelo vivido, influencia e é influenciada pelo contexto enfrentado pelo sujeito, fruto da intensidade mobilizada da experiência e correlaciona-se com o grau de envolvimento e entrelaçamento que estabelece com as memórias e lembranças de si e com o outro que efetua do seu universo trilhado em diferentes *espaçotempos* por onde percorreu.

Mesmo que a presença dos professores pesquisadores narradores participantes da pesquisa, que são os integrantes do CICLOPE, tenha sido mediada por encontros virtuais que se deram online através da plataforma digital *Google Hangouts*, foi possível percebermos diferentes linguagens expressas e manifestações do sensível que se deram numa pluralidade de ações, reflexões e comportamentos. Quais foram, portanto os meios pelos quais os sujeitos participantes da pesquisa manifestaram suas sensibilidades nos encontros que juntos partilhamos?

A primeira das linguagens foi por meio da escrita narrativa (auto)biográfica, em que cada um que lia a sua narrativa ou a de outro colega do grupo, sentia emoções outras que antes não tinham sentido, bem como revelavam na narrativa oral, o que os tocaram ou sentiram após a leitura do texto durante o encontro.

A figura a seguir demonstra essas características da sensibilidade refletidas em emoções e sentimentos mobilizadas pela atividade narrativa dos participantes do CICLOPE.

Figura 01: Emoções e sentimentos promovidos pela reflexividade (auto)biográfica em narrativas de formação



Fonte: Elaboração dos autores com base na experiência narrativa do CICLOPE, 2020

Com todo esse conjunto de estados de ser, estar, pensar e revelar o pensado, o sujeito vai disparando suas narrativas ou lendo as produzidas por outros, provocando, assim, no narrador, no ouvinte ou no leitor diferentes sensações, aprendizagens e formação que variam conforme a concentração, o estado de ligação com a experiência narrada, e as conexões consigo, com o outro e com o contexto produzido do acontecimento, podendo se transformar e ter uma tomada de consciência das trajetórias trilhadas nessas dinâmicas.

Outras linguagens expressas pelos membros do CICLOPE se deram por gestos, comportamentos e ações que identificamos no transcurso das leituras das narrativas, e mesmo, no contexto das outras atividades, conversas e dinâmicas que iam sendo desenvolvidas nos encontros, caracterizados, entre outras coisas, por uma multiplicidade de estados de ser e estar que iam se manifestando em cada um, de acordo com as forças e energias emanadas de si, em articulação com os participantes do grupo e as dinâmicas ora praticadas individualmente, ora coletivamente.

Essas características foram tanto contempladas e sentidas por nós, quanto pelos outros participantes do CICLOPE, durante os encontros. Alguns

demonstravam-nas através de expressões, comportamentos, gestos, depoimentos, outros a revelavam por meio de suas escritas narrativas reflexivas (auto)biográficas, a partir das implicações que movia ou atravessavam cada sujeito.

Vale ressaltar que existe uma pluralidade de outras tantas características e estados de ser que são contempladas pelos sujeitos nos encontros que promovemos no ciclo de estudos. Esses que trouxemos foram os que se tornaram mais marcantes, que registramos em nosso diário de pesquisa, estudo e formação, bem como os que foram contemplados nas escritas narrativas dos participantes do grupo que nos foram enviadas por e-mail.

Um outro lado da aprendizagem e formação foi possível ser tecido nos encontros do CICLOPE com a presença e compartilhamento das escritas narrativas dos sujeitos membros do grupo, qual seja: a contribuição e implicação formativa, reflexiva e da sensibilidade se transformando em um contexto substancial de aprendizagem e formação de sensações, prazeres e emoções pelas experiências que os sujeitos demonstravam, passando a efetuar-se também nos outros, com diferentes possibilidades e intensidades.

Buscamos esmiuçar, de certo modo, como foram experienciadas cada uma das características apontadas na figura 01 acima, conforme conseguimos identificar tanto nas escritas narrativas quanto pelos vídeos gravados dos encontros que passamos a olhar novamente, fruto também dos registros escritos em nosso diário dos encontros que tivemos.

As *pausas* aconteciam quando a pessoa, ao narrar suas histórias ou a de outro participante do CICLOPE, se emocionava durante a leitura da narrativa, deixando-se envolver e ser tocado pela história escrita que estava a ser contemplada no momento do encontro que estava acontecendo.

Os *suspiros* revelavam-se como uma sensação de acometimentos por um estado de ser que o sujeito manifestava com a empolgação ou mesmo o grau de novidade que a narrativa passava a despertar em si. Aí entra a outra característica somando a esta que é a da *surpresa*, quando o sujeito se defrontava com algo que ainda não tinha experienciado ou visto, ouvido ou sentido, provocado pela narrativa do outro, ou o comportamento refletido por alguém ou por si próprio durante os encontros.

Os *risos* se caracterizavam como um tipo de comportamento que alimentavam o grupo mediante o teor e conteúdo da narrativa do outro, bem como de alguma experiência ou revelação de alguém durante os encontros, muitas vezes atravessando os momentos e se tornando uma via de desprendimento, leveza e descontração.

A *tristeza* representava-se por um estado de ser baseada nas histórias narrativas dos sujeitos evocadas por acontecimentos profundos, tocantes e emblemáticos que por vezes já teve, bem como das situações refletidas pelo isolamento causado pela pandemia, e os acontecimentos dela gerados em muitos, afetando, emocionalmente cada pessoa, em suas respectivas singularidades.

O *choro* foi uma sensação que muito nos acompanhou, que foi tanto pela comoção pelas histórias do outro situando suas realidades diante da pandemia, quanto de emoções provocadas pela profundidade com que cada narrativa do outro provocava nas outras pessoas, não conseguindo passar despercebidos e, assim, deixando-se tocar pelas lágrimas que se implicavam em cada um.

Em relação ao *encantamento*, este refletia-se pelo potencial com que cada pessoa tinha na inventividade e criatividade das narrativas escritas por si, e no grau de reflexão provocada tanto da narrativa do outro, quanto das reflexões produzidas pela leitura dos textos e compartilhamento de percepções, entendimentos e compreensões do comportamento do outro, disparando, assim, reflexões formadoras e substanciais no momento.

Quanto ao *espanto*, este se deu pela capacidade com que cada pessoa foi se descobrindo como narradora na experiência de escrever sobre/de si, em diálogo com o outro, bem como dos movimentos gerados pelas implicações e afetações que a narrativa do outro provocavam em si, desabrochando e fazendo emergir diferentes estados de ser/sentir/viver/narrar.

Essas oito características que refletimos nesse texto, nos permitem compreender que cada sujeito foi produzindo uma existência peculiar acentuando-se por sensações, aprendizagens e formação de diferentes formas, e com contribuições plausíveis de materialização do sensível e das afetações emocionais que foram contribuídas pelas interações estabelecidas coletivamente com os outros, bem como das narrativas que lemos, ouvimos ou narramos nos encontros.

Corroboramos com a perspectiva de que a produção de saberes e conhecimentos no âmbito de uma pesquisa narrativa (auto)biográfica se reflete na potencialidade de que:

[...] quando mobilizada em um contexto de formação, visa a gerar efeitos de compreensão para o narrador que produz a sua narrativa e para os membros envolvidos no dispositivo de histórias de vida em formação, que experimentam a expressão e a recepção da história de si próprios (BRETON, 2020, p.1152).

Para além de modelos clássicos que buscam querer formatar as aprendizagens e os processos formativos dos sujeitos na sociedade, pautada por uma diretriz hegemônica, passamos a tecer um modo outro de aprendizagem e formação com a dimensão contribuidora das histórias de si e das experiências do sensível reveladas tanto pelas escritas narrativas de formação dos sujeitos, quanto pelos comportamentos, gestos e emoções compartilhadas.

Todo esse movimento nos leva a pensar no conceito de *aprendizagem narrativa* defendida por Goodson (2019, p.282), no qual “[...] está presente na elaboração e na manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade”, que foi exatamente o que aconteceu durante todo o ciclo de estudos no CICLOPE, em que passamos, através das histórias narrativas de si, a aprender outros tantos modos de ser, viver, narrar e experienciar as dinâmicas da existência, da pesquisa e formação nesse período de confinamento causado pela pandemia, e com a realização dos encontros virtuais, utilizando-se de ferramentas tecnológicas as quais, mesmo presentes em nossas vidas, não usamos tanto quanto nesse período de isolamento social.

Narrar, sentir e se emocionar nas tramas do encontro consigo e com o outro

A potência dos encontros coletivos realizados com professores pesquisadores narradores revela-se como uma perspectiva fundamental de tessituras de conhecimentos, aprendizagem e formação. Nos encontros do CICLOPE, passamos a construir e aprender outros tantos modos de pesquisar, refletir e tecer conhecimentos relativos a muitas experiências com as quais foram se descortinando ao longo dos movimentos e estudos provocados pelas dinâmicas do grupo.

Diante dos encontros do CICLOPE, fruto do entrelaçamento da leitura das narrativas dos participantes, das anotações em nosso diário e dos encontros que foram registrados por meio da gravação em áudio, somando-se ao dispositivo da memória (auto)biográfica que acessamos, passamos a refletir sobre o que os movimentos gerados durante todos os encontros do grupo passaram a significar para nós.

Assim, retratamos em uma figura, quais contribuições as histórias narrativas de si, produzidas pelos participantes do CICLOPE puderam se consolidar no âmbito do que nominamos de *Ciclo de transformações geradas pela atividade narrativa de formação*:

Figura 02: Ciclo de transformações geradas pela atividade narrativa de formação



Fonte: Elaborado pelos autores a partir da experiência do CICLOPE, 2020

Cada um dos aspectos contemplados na figura acima (Figura 02), representa a materialização do vivido que foi manifestado pelas narrativas da experiência dos sujeitos participantes da *pesquisaformação*, que foram os integrantes do CICLOPE.

As dimensões da sensibilidade e da emoção representaram um forte teor formativo e de implicações transformadoras em cada um de nós que participamos do CICLOPE, consolidando-se em um potencial reflexivo e de tomada de consciência de si, em articulação com a coletividade em que estávamos entrelaçados.

Na experiência da narração, os sujeitos passam a contemplar e manifestar além da aprendizagem e formação, um conjunto de fatores internos que o potencializam enquanto sujeito psicossomático que é, trazendo, assim, as dimensões da sensibilidade, emoção e reflexividade (auto)biográfica que o transformam e agregam valor e consciência dos percursos trilhados por si, em diferentes *espaçotempos* do vivido.

Ao narrar, ouvir ou escrever sobre si, pautando-se pelas experiências de vida, pesquisa ou formação, os sujeitos vão delineando aprendizagens substanciais as quais vão compondo o repertório de saberes e conhecimentos de si próprios, como da pesquisa em que está tecendo ou de outras possibilidades da experiência e desenvolvimento profissional que está imerso.

Buscando explicitar com mais detalhes como se deram essas *posições existenciais* como assim o nominamos, apresentamos a seguir, a caracterização do experienciado que identificamos, seja pelas narrativas escrita dos sujeitos, como das memórias que evocamos diante dos comportamentos e modos de ser e estar que foi sendo revelado e apresentando por cada um durante os encontros do CICLOPE.

As *descobertas de si pela atividade da narração* foram uma das principais características que foi se revelando por todos os participantes do grupo, de tal modo que, ao escreverem sobre si, acabaram tecendo uma reflexividade (auto)biográfica que colocaram o sujeito em encontro consigo em diferentes momentos de sua vida, experiência ou formação.

Descobrir-se pela atividade de narração representou um “divisor de águas” em muitas pessoas do grupo CICLOPE, tanto que isso era relevado nos encontros, e até por meio de outros dispositivos de comunicação que se ampliavam para além do e-mail no envio das narrativas que faziam os sujeitos, como em conversas escritas e em áudios que nos enviavam pelo *whatsapp*,

demonstrando essa descoberta de si quando passava a produzir uma narrativa (auto)biográfica no plano de uma escrita reflexiva.

No tocante à *constituição de outras tantas subjetividades*, esta acontecia pelas mudanças operadas ao longo dos movimentos plurais do grupo efetuando-se em cada pessoa, aprendendo outros modos de ser, estar e narrar-se bem como narrar a sua experiência em vários níveis de profundidade de si.

Em relação às *aprendizagens em coletividade*, foi um contributo fundamental em que passamos a tecer uma variedade de outras tantas reflexões, aprendizagens e formação a partir de estilos narrativos produzidos por cada integrante do grupo, bem como, do modo refletido na leitura e suas implicações emotivas, no contexto da sensibilidade e de outras inúmeras linguagens representadas em interações coletivas nos encontros virtuais.

Do outro lado da imagem, e em um mesmo contexto de experiências do sensível, temos o *sentir-se tocado pelas histórias do outro*, que promovia afetações e emoções na atividade de saber um pouco mais de quem estava falando ou narrando de si para o outro. Além do mais, as pessoas revelavam para o narrador o que sua narrativa lhe tinha causado, algumas vezes, sendo demonstrada também por gestos ou comportamentos que produziam outros tantos efeitos e implicações emotivas e mutáveis do estar sendo enquanto pessoa, ou do praticado nos encontros do CICLOPE.

Dando continuidade, percebemos os contributos da outra posição existencial do sujeito que foi a *construção de conhecimentos diversos*, tanto fruto das leituras dos textos que enviamos a todos, muitos dos quais ainda não eram de conhecimento de alguns, como das reflexões propiciadas pelos professores palestrantes convidados e as próprias discussões e expressões reveladas pelos participantes do grupo durante os encontros.

No centro da figura, damos ênfase ao que consideramos como núcleo central de todo o processo formativo mediatizado pelas narrativas de formação e o conjunto de práticas e reflexões promovidas nos encontros do CICLOPE, que é a *tomada de consciência dos percursos trilhados*.

Esse processo de tomar consciência mediante as experiências trilhadas por cada sujeito, e refletidas em suas narrativas (auto)biográficas, é, pois, uma das

razões e potencialidade com que se revela na pesquisa narrativa e produção do conhecimento científico.

A consequência de produzir uma narrativa de si, em diálogo com as temporalidades em que foi experienciada pelo sujeito, faz emergir um complexo estado de ser/estar/viver no tempo presente nas escritas de formação, uma transformação plausível e profundamente consciencial, podendo efetuar-se no resultado desse movimento que seria, exatamente, a *transformação e emancipação do sujeito*, a última posição existencial elencada na figura acima.

A consciência da temporalidade dos processos formativos e das experiências trilhadas pelo sujeito remonta à ideia da dialética do triplo presente refletida por Ricoeur (2010) em *Tempo e narrativa*, e que se efetua no âmbito de uma pesquisa narrativa (auto)biográfica, ou seja, há três tempos que podem ser revelados na narrativa: o presente do passado (que se efetua pela memória), o presente do presente (materializado pela visão) e o presente do futuro (buscada pela expectativa).

De todo esse conjunto de posições existenciais contempladas e experienciadas pelo sujeito na figura 02, gera uma significativa transformação, alterando, assim, modos de ser/estar/viver e narrar a si, que promove aprendizagens, formação e a conseqüente dimensão da sensibilidade e emoção provocada desse entrelaçamento dessas posições.

Vejam que todas as posições existenciais – descobertas de si pela atividade da narração, constituição de outras tantas subjetividades, aprendizagens em coletividade, sentir-se tocado pelas histórias do outro e construção de conhecimentos diversos – canalizam para a tomada de consciência dos percursos trilhados. Ou seja, cada atividade produzida pelo sujeito, leva-o a praticar uma reflexividade (auto)biográfica que o transforma, fruto da tomada de consciência que opera, muitas das quais situando as três temporalidades: passado, presente e futuro.

De modo geral, e trazendo uma reflexão que leva em consideração as posições existenciais que estão no meio da figura, a partir de um olhar vertical, mas não linear e muito menos fechada, cabe reforçar que as *descobertas de si pela atividade de narração* são o motor de surpresa, encanto e sedução que promove a

tomada de consciência dos percursos trilhados, e, conseqüentemente, a transformação e emancipação do sujeito.

Mas para que a transformação e emancipação do sujeito aconteça, é preciso primeiro que ele pratique a narrativa de formação, isto é, se faz necessário que ele elabore narrativas (auto)biográficas para se perceber pelo escrito, principalmente, os diferentes estados de ser, estar ou experienciar o vivido, o que impulsionará a tomada de consciência e, assim, sua transformação como sujeito que está em tessitura de suas subjetividades que o marcam como pessoa e profissional.

Cabe ainda refletir na potência do encontro coletivo como promotor de aprendizagens, formação e transformação dos sujeitos, o que se configura como essencial no campo da educação, já que lidamos com pessoas, que sentem, pensam e praticam estados de ser e estar os quais se refletem muito nas escolhas e posições que tomamos, bem como, na tessitura de nossa subjetividade em relação ao tipo de pessoa e professor que somos ou poderemos ser.

Nesse sentido, na *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica a produção de conhecimentos científicos faz toda a diferença quando elaborada e refletida coletivamente. Por isso, cabe salientar que:

É, pois, por meio dessa procura da compreensão de si e das dinâmicas vitais que os conhecimentos e as ideias postas em jogo na interpretação permitem reenviar para a construção biográfica. E é na alteridade do trabalho em grupo que esse “círculo hermenêutico” pode se abrir e transformar-se em espiral, graças à irrupção e à interpretação dos referenciais do outro, novos para si (JOSSO, 2010, p. 214).

Foi por meio dos encontros coletivos promovidos pelo CICLOPE que pudemos nos perceber em muitos modos de nos vermos como pessoa e profissional, sobretudo, quando materializados pela escrita narrativa (auto)biográfica. Além do mais, as reflexões e posicionamentos tomados pelas outras pessoas nos encontros, nos fazia enxergar outros tantos de nós os quais não tínhamos parado para perceber e praticar essa reflexividade.

Com essa dinâmica operada pelos encontros coletivos, passamos a depreender o sentido de *alteridade*, tal como nos fornece uma contundente reflexão em Bakhtin (2017), em que nos faz pensar que a relação do sujeito

estabelecida com os outros o transforma, produzindo outros tantos estados de ser e estar, além dos contributos na aprendizagem, formação e construção do conhecimento e saberes de si, do mundo e das coisas etc.

Do mesmo modo, vemos que o conceito de *excedente de visão* na perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2017) nos ajuda a refletir que muito do que somos ou estamos sendo, foi se revelando pelo olhar do outro, ou seja, de um olhar de fora, para empreendermos outras tantas reflexões de nós próprios, nos movimentos tecidos entre um dentro/fora e um fora/dentro, em que passamos a compor nossas histórias narrativas (auto)biográficas, sendo refletidas e compreendidas pelo outro que nos revelava como narramos, pensamos ou materializamos nossas escritas, aprendizagens, experiências e formação.

As narrativas (auto)biográficas de formação, portanto, promovem mudanças significativas no sujeito, podendo configurar-se como um potente dispositivo de transformações das experiências vividas em diferentes *espaçotempos* de sua existência e com variadas intensidades e reflexões.

Considerações finais em aberto

As narrativas (auto)biográficas desenvolvidas no plano da escrita em encontros coletivos por professores pesquisadores narradores formam, transformam e impulsionam mudanças nas experiências pessoais e profissionais as quais estão engajados os sujeitos.

A perspectiva dialógica é fundamental na construção do conhecimento científico, já que passamos a ver por diferentes prismas a nós próprios, quanto os modos outros de elaborar saberes e conhecimentos, questão essa que experienciamos nos encontros do CICLOPE.

Mas para que as transformações ocorram na vida do sujeito, é preciso, antes de tudo, abertura e flexibilidade para viver o novo, tal como aconteceu nesse período da pandemia, em que passamos a nos encontrar virtualmente, e com o uso de meios tecnológicos que nos fizeram aprender outros conhecimentos tanto de uso das ferramentas e de programas tecnológicos para que os encontros acontecessem como no caso da plataforma digital *Google Hangouts* que utilizamos na realização dos encontros.

Refletimos ainda que, diante do emblemático momento que vivemos da pandemia e do cenário político, econômico e educacional do Brasil, conseguimos ainda extrair experiências potentes, ricas, formadoras e transformadoras como a criação desse ciclo de estudos no período da pandemia, regado a produção de saberes, conhecimentos, afetos e transformações significativas da vida pessoal, formativa e profissional.

Por meio da escrita reflexiva praticada no âmbito de uma narrativa (auto)biográfica, o sujeito consegue aliar aprendizagem, construção de conhecimentos e formação, representando, assim, as três bases constitutivas das transformações e tomada de consciência que cada pessoa possa materializar em sua existência.

É pelas narrativas de formação que vamos tecendo singularidades que se configuram como acesso e construção de afetos, sensibilidade e emoção, quando compartilhadas coletivamente, as quais os sujeitos passam a dizer de si e do outro como é, ou está sendo, bem como narra e dos seus estilos narrativos e outros tantos aspectos que a atividade narrativa propicia.

Cada escrita narrativa revela muito do sujeito, do que pensa e faz, além de situá-lo em um constante processo de aprendizagem e formação na tessitura de conhecimentos e saberes que são mediatizados pela reflexividade (auto)biográfica na tomada de consciência dos percursos trilhados por si, e muitas vezes em diálogo com o outro.

As lições deixadas pela *pesquisaformação* que aqui apresentamos se refletem na potencialidade que as escritas narrativas (auto)biográficas puderam implicar em nossa formação, promovendo a tessitura de outros tantos saberes e conhecimentos que se materializaram no desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e emoções descobertas por si e em diálogo permanente com os outros que foram nos constituindo ao longo dos encontros formativos do grupo.

Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. n.23, Rio de Janeiro, Maio/Agosto. 2003. p.62-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 3ªed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018. P.65-81.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788575114698>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

BRETON, Hervé. Pesquisa narrativa: entre descrição da experiência vivida e configuração biográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 1138-1158, out./dez. 2020. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/7185/pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Tradução Ivone Castilho Benedetti, com colaboração de Sabah Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v.41, n.1, p.67-86, jan./abr. 2016. Disponível em:

<<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>>.

Acesso em: 01 fev. 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. vol.1. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Notas:

¹ O uso de duas ou mais palavras juntas é uma escolha política e *teoricometodológica* e epistemológica que optamos amparados pelos estudos nos/do/com os cotidianos nos contributos de Alves (2003) e Oliveira (2012) com as quais aprendemos e adotamos. Juntar palavras tem a intenção de produzir outros saberes e conhecimentos para além do modelo clássico e positivista de ciência, dando, assim, outras significações e produção de conhecimentos científicos. O uso dessas e outras palavras aparecerão nesse texto com esse sentido e destacadas em itálico.

² Tal projeto faz parte da *pesquisaformação* de Doutorado em Educação que foi desenvolvida pelo primeiro autor deste texto na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e concluída no ano de 2022, e foi uma criação dentro do Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia coordenado pela Profa. Dra. Inês Bragança, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC/UNICAMP) coordenado pelo Prof. Dr. Guilherme Prado e ao Núcleo Vozes da Educação na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) coordenado pela Profa. Dra. Mairce Araújo.

³ Compreendendo a reflexividade (auto)biográfica nos princípios de Passeggi (2016, p. 78) segundo a qual concebe esta como “[...] uma disposição da criança, jovem ou adulto a se voltar sobre si mesmos para explicitar o que sentem ou até mesmo perceber que fracassam na tarefa da biografização, ao reelaborarem, narrativamente, a experiência vivida”.

⁴ Com essa expressão estamos nos referindo ao uso da tela do computador, celular ou outro recurso em que ficamos participando durante os encontros do CICLOPE sempre nas tardes de quinta-feira, semanalmente.

Recebido em 10 de dezembro de 2021

Aceito para publicação em 15 de fevereiro de 2022